

Silenciamento e voz de um mesmo corpo: o sertanejo e o cangaceiro na perspectiva de Gustavo Barroso

Silence and voice of a same body: the sertanejo and cangaceiro in the Gustavo's Barroso perspective



ZANIBONI, Isabela de Lorena *

 <https://orcid.org/0009-0009-3444-8608>

RESUMO: Com base nas obras *Terra de Sol* (Natureza e costumes do Norte) (1912), *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (Os cangaceiros de Nordeste) (1917), *Alma Sertaneja* (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão) (1923) e *Almas de Lama e de Aço* (Lampeão e outros cangaceiros) (1930)¹, do autor cearense Gustavo Barroso (1888-1959), e tendo em vista que o presente estudo está inserido na área de História da Historiografia, busca-se compreender, por meio da análise do discurso, a noção de sujeito que Gustavo Barroso constrói por meio de sua escrita, configurando àquele que narra e a si mesmo. Os silenciamentos produzidos de forma consciente em torno do sertanejo se alteram conforme este se modifica e assume a vida de cangaceiro.

PALAVRAS-CHAVE: Gustavo Barroso; sertão; sertanejo; cangaço; sujeito.

ABSTRACT: Based on the books *Terra de Sol* (Natureza e costumes do Norte) (1912), *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (Os cangaceiros de Nordeste) (1917), *Alma Sertaneja* (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão) (1923) e *Almas de Lama e de Aço* (Lampeão e outros cangaceiros) (1930) of the author Gustavo Barroso (1888-1959), as a study of the History of Historiography, I want to understand, through discourse analysis, about the idea of subject that Gustavo Barroso formulates, or not, through his writing, about the one who narrates and himself. The production of the silences change when the author speaks about the sertanejo and the cangaceiro.

KEYWORDS: Gustavo Barroso; backwoods; outlaws.

Recebido: 31/01/2024
Aprovado: 08/04/2024

* Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração: História dos Sertões da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) Caicó-RN. Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado) UNESP/Franca, Franca-SP. E-mail: isabela_zaniboni@hotmail.com. Este artigo é proveniente da minha dissertação de mestrado: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/55295>.

¹ A metodologia escolhida para desenvolver o artigo consiste em manter a escrita original das fontes, destacando-as em itálico quando inseridas no corpo do texto.



Introdução

O presente artigo, fruto da minha dissertação de mestrado, visa analisar a escrita do autor cearense Gustavo Barroso (1888-1959), em relação a noção de sujeito do sertanejo e cangaceiro, nas seguintes obras selecionadas: *Terra de Sol* (Natureza e costumes do Norte) (1912), *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (Os cangaceiros de Nordeste) (1917), *Alma Sertaneja* (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão) (1923) e *Almas de Lama e de Aço* (Lampeão e outros cangaceiros) (1930)². Como análise de uma escrita, o trabalho participa da área de História da Historiografia inserida no campo da História dos Sertões. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007) destaca que a escrita histórica se torna debate quando ela pode influenciar na própria elaboração de um fato. O sujeito e o objeto histórico se desnaturalizam fazendo com que deixem o plano metafísico e sejam considerados também construções históricas que estão à mercê do tempo que os induz. O artigo busca, dessa forma, compreender como Gustavo Barroso, por meio de sua escrita, constrói a imagem do sertanejo “comum” de determinada forma, mudando a personalidade desse mesmo homem, quando assume ser cangaceiro. Ou seja, o artigo visa desnaturalizar a escrita, observando como o discurso feito por Barroso constrói verdades e permanências sobre aquele ao qual se refere, e a partir dos silenciamentos ocorridos na narrativa, observar a própria construção do autor em si. Há também, a reflexão sobre a questão do sujeito nessa narrativa, sobre como Barroso concede, ou não, voz ativa, nome, biografia, desejo, ambição e o próprio querer àquele a quem narra.

Como análise da escrita, trago para a discussão, inicialmente, sua construção do homem sertanejo na subseção *Construção do homem sertanejo “comum”*. O objetivo do artigo não é definir como Barroso se relaciona com a cultura popular, visto a variedade excelente de trabalhos sobre o tema, mas é, antes, identificar que, mesmo que em muitos momentos, exalte essa população pela sua força e por ser mantenedora dos costumes, não coloca ao homem sertanejo o protagonismo de sua própria história. O sertanejo seria forte e viveria os costumes porque só sabe ser assim, devido a viver ainda em tempos coloniais, e

² Utilizo as edições: *Terra de Sol* (Natureza e costumes do Norte) 2ª ed. 1913; *Praias e Várzeas* 3ª edição de 1979 que une os livros *Praias e Varzeas* e *Alma Sertaneja* (acesso digital pela ACL (Academia Cearense de Letras)); *Heróis e Bandidos* (Os cangaceiros de Nordeste) 2ª edição 1931. *Alma Sertaneja* e *Almas de Lama e de Aço* (Lampeão e outros cangaceiros) utilizo a 1ª edição: 1923 e 1930 respectivamente.

como seus antepassados, não almejando mudar e não visando melhoria, esperando pacientemente, na crença, um milagre.

Posteriormente, na subseção *Gustavo Barroso como sujeito*, demonstro a dualidade no intelectual. Gustavo Barroso, usa de seu pseudônimo João do Norte para se reafirmar do Norte, o que será trabalhado ao longo do artigo e, assim, aquele que tem autoridade para falar e sugerir soluções aos problemas que narra. Ao mesmo tempo que exalta a cultura popular, a moral e a tradição àquele ao qual fala (sua rede de sociabilidade no Rio de Janeiro e seu público leitor), também, em sua escrita, aponta diversos problemas no modo de viver sertanejo. Nesta subseção, observo a posição que o autor constrói para si, por meio de seu discurso e da posição que ocupa, que lhe dão a autoridade para nomear e qualificar o sertanejo.

Escolher trazer em primeiro espaço a escrita do autor para depois referenciá-lo, é seguir com a metodologia proposta de dar destaque à sua escrita, e assim, posteriormente, apresentá-lo para que seja possível esclarecer os questionamentos de sua dualidade na posição que assume e na forma como constrói essa narrativa. Manoel Luiz Salgado Guimarães (2005), em reflexão sobre a área da história da historiografia, ressalta que há pontos significativos a serem observados quando se tem a historiografia como objeto de estudo: a escrita é desnaturalizada, ou seja, não é vista mais como sendo uma camada transparente do passado, mas sim, como uma produção humana; há uma inversão do caminho historiográfico, sendo realizada uma análise que vai do texto ao autor e não mais o contrário, visto que o texto também forma o autor.

Tendo consciência de que Gustavo Barroso é um intelectual de múltiplas faces e atuante em seu tempo e espaço, nos mais diversos campos intelectuais, reitero o momento de análise das minhas fontes: 1912 a 1930. Gustavo Barroso é muito estudado por sua trajetória no integralismo, na política, por ter atuado na direção do Museu Histórico Nacional (1922 – 1959) e por suas obras acerca do folclore, contudo o autor ao qual me referencio não é este. Segundo Foucault (2009), o nome do autor não é apenas um nome próprio, ele referencia sua obra. Quando falo de Barroso faço referências às obras escolhidas para análise que ele escreve. O nome do autor traz consigo uma relação de textos, opiniões que automaticamente o opõem a outros. Ao referenciar um autor não remeto esse nome à pessoa que ele foi, à sua integridade, mas sim remeto aos textos que produziu, às suas

características expressas no discurso, manifestando, mesmo que minimamente, seu modo de ser.

Ele (o nome do autor) manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura [...] A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. (Foucault, 2009, p. 274 – parênteses da autora).

Compreendendo que a extensão de análise (1912-1930) abarca grandes momentos vividos pelo intelectual em seu meio, que influenciam a narrativa e partindo também da noção de Operação Historiográfica proposta por Michel de Certeau, nesta subseção destaco a construção do intelectual, a partir das fontes analisadas, como sujeito de sua escrita, um alguém pertencente ao Norte, construindo para si a valoração da fala em relação a determinado lugar. Essa posição é adquirida também pela sua rede de sociabilidade e espaços alcançados que se desenvolvem no tempo das obras analisadas e onde Barroso interfere e é interferido pelas discussões do espaço que ocupa, sendo integrante ativo das discussões e publicações, contribuindo com os questionamentos de seu tempo e espaço. Valdei Araújo (2013) destaca que cada época deve ser julgada de acordo com seus próprios valores, cada produção está sujeita a ser influenciada pelo seu contexto, o que não nos impede de olharmos criticamente para esse discurso, tendo a noção de que o discurso fala por si mesmo e produz permanências no tempo.

Observando a importância da rede de sociabilidade e destacando sua relevância com base em Foucault, por mais que haja um contexto que carregue discussões e vários sujeitos façam parte delas, o discurso em si é algo descontínuo, pode se interligar, mas pode se excluir. Os discursos são permeados pelas instituições, bibliotecas e divulgadores do conhecimento em geral, mas sua fabricação é única, não há algo além da linguagem que una esses discursos (Foucault, 1996, p. 51-53). Visto que o discurso é um em si mesmo.

Logo, não é sobre o Barroso presente na imprensa, integralista e diretor do MHN no qual me referencio, mas sim na escrita do homem cearense recém-chegado ao Rio que quer se consagrar diante desse mundo intelectual. No decorrer do tempo que as obras perpassam, ideias, intenções, questionamentos e formas de se posicionar são inseridas ou retiradas da narrativa, o que coincide com sua ascensão nesse meio de sociabilidade. Assim, compreendo ser possível perceber seu desenvolvimento entre os intelectuais, a partir da

própria escrita que defino como fonte e, como o autor se constrói e constrói ao outro como sujeito ou não de sua história.

A exaltação de si como sertanejo constrói um Gustavo Barroso hábil em apontar problemas e soluções no modo de viver sertanejo, exaltando o que acreditava ser bom ou apontando as faltas no modo de viver: *“em certos indivíduos, os excessos de vitalidade geram energias descommuns. Numa sociedade organizada teriam derivativos, seriam aproveitados em manifestações uteis. Allí convergem para o crime”* (Barroso, 1931, p. 68). Ou seja, a sociedade sertaneja por si mesma não se sustenta. Exaltando ou criticando essa sociedade, Barroso coloca no sertanejo a vontade de lutar quando é para sobreviver no meio em que vive, pois suas sociedades se mantêm coloniais, o ensino é do tempo dos jesuítas e o próprio sertanejo é descrito como aquele que não quer mudar. Gustavo Barroso não coloca no sertanejo a voz ativa de fazer seu próprio destino, de conhecer a si mesmo e de estruturar sua própria sociedade.

A exaltação do homem sertanejo na narrativa é vista quando o intelectual se refere aos cangaceiros, mesmo que, lembrando, as fontes carreguem sua particularidade, a figura que é posta em evidência é o sertanejo quando se torna cangaceiro. Essa análise é feita na subseção *O sertanejo cangaceiro*, que busca identificar como o cangaceiro é trazido nesta narrativa e como lhe é dado voz, nome, biografia e autoridade sobre sua vida, sobre qual caminho escolher, diferenciando-o de quando este mesmo sertanejo tinha uma vida tida como “comum”.

Construção do homem sertanejo “comum”

O processo de construção de escrita do homem sertanejo nas obras selecionadas de Gustavo Barroso perpassa por diversos momentos. O intelectual exalta a força do homem em lutar pela sobrevivência, visto o seu meio físico e social e as heranças que carregava da miscigenação. Mas, ao mesmo tempo, destaca essa população como parada no tempo, em séculos coloniais que não se desenvolvia e não se estruturava como sociedade, devido aos diversos problemas que, tanto o meio físico como o social, possuíam. Aponta as faltas do homem sertanejo em relação às suas perspectivas, aos seus interesses, as suas capacidades intelectuais desde a distinguir cores até saber ler.

No livro *Terra de Sol*, é possível observar a exaltação do sertanejo como sendo um homem forte, corajoso e mantenedor da moral sertaneja:

[...] o nortista mostra sua energia inflexível, quando mais se acrisolam suas faculdades combativas, e mais se enrija, e mais se robustece sua titânica virilidade. Um minuto de fraqueza, um momento de desânimo, um instante de desencorajamento – e o sertão esmagal-o-á. Mas elle não se abranda nem se verga. Só contra a impassibilidade da natureza, lucha, lucha sempre. Alguns desertam as fileiras; mas os que ficam continuam o combate. (Barroso, 1913, p. 25).

E ainda: *“(os sertanejos) auxiliando-se mutuamente, vencem todas as dificuldades. Entre a gente do sertão, não concorrer aos adjunctos e não dar notícias de gados sumidos, são peccados tão mortaes quanto negar agua ao viajante sequioso”* (Barroso, 1913, p. 66 – parênteses da autora). Essa força e coragem é amparada, porém, pela indiferença, pela não perspectiva de mudança, pelo imutável e pela sobrevivência, não tendo medo nem de matar nem de morrer, sendo o melhor em qualquer posição que seja colocado: tanto no ser esquecido, no amar, no odiar, no roubar (caso decida fazer) (Barroso, 1913, p. 177). O sertanejo é aquele atento aos perigos que a sociedade e o meio em que convive podem lhe oferecer, conhece a sua terra. *“Destemeroso, honesto e franco não se arreceava de outro homem. [...] ele ‘sabia onde moravam os mocós”* (Barroso, 1979, p. 60). Um dos maiores responsáveis pelo formador do que seria ser um sertanejo, era o meio: *“a sêcca é um factor de progresso, porque fórma e molda uma raça de fortes”* (Barroso, 1913, p. 25).

Rotular o homem como sertanejo, identificar sua origem, dava a ele seu destino. Na escrita de Barroso não havia muitas opções para o que o sertanejo poderia ser: vaqueiro, agregado ou fazendeiro, resultando no mesmo fim que é levar uma vida de sofrimento subjugado pela natureza impiedosa e quente. O sertanejo é aquele que sobrevive, existe no seu sofrimento, na melancolia e nas lembranças de dias bons.

Para todas as agruras, para todas as infelicidades, para todos os venenosos espinhos da vida, tem um sorriso calmo, instintivo, que é mais um esgar do que um sorriso, que é quasi sinistro por ser verdadeiro [...] E’ tão grande a sua resignação que já descamba para o fatalismo. Mostra a mais impassível indiferença pelas infelicidades. [...] Nunca se queixa. Jámais se lamenta. Narra todas as vicissitudes de uma sêcca, contando do que os outros soffrêram sem falar de si [...] Mas rico ou pobre, vaqueiro, aggregado ou fazendeiro é um infeliz o sertanejo humilde, sempre jungido a Natureza impiedosa e muda, que com uma lágrima de chuva lhe dá abundancia e com um constante sorriso azul do céu mata-o de fome, de sede, de miséria! (Barroso, 1913, p. 171-173, 188).

Essa posição de indiferença, do estático, do imóvel perante a qualquer adversidade, conflito ou flagelo recai também sobre a sociedade:

A gente do sertão ficou o que era na época das bandeiras aventureiras, das primeiras mestiçagens e das primeiras lutas. [...] A fisionomia social é a da época da colônia em todos os aspectos, desde o plantio da mandioca aos singelos versos de tropeiros. Armas, expressões de linguagem, sentimentalismo rude, susceptibilidades punzonosas, as mesmas de três séculos passados. [...] Nessa sociedade retardada, a moral é unicamente mantida pelos usos (Barroso, 1931, p. 35-36).

Os dias bons eram remetidos ao tempo escravista, onde o Norte era uma potência econômica, uma terra de mando³.

Como aqueles fios brancos e fortes, limpa e forte era a alma do ancião. Nunca mudara. Tudo se metamorphoseara em derredor della. Apareceram a República e o gás; mais tarde, a eletricidade, o automóvel, o avião; mas no seio daquelas valladas centenarias defendidas por elles, viviam immoveis e indifferentes ás mudanças, naquelle homem, o espirito e o sentimento dos antigos povoadores da capitania (Barroso, 1923, p. 78).

Destacar a população sertaneja como aquela que guarda o nacional, longe do estrangeirismo, uma sociedade que vive ainda nos moldes coloniais, tanto no fazer como no agir, é fazer com que ela não seja sujeito protagonista de sua história. Não vive, mas sobrevive às intempéries, aos flagelos, às mudanças, ao banditismo, à herança da miscigenação.

[...] não cuida em melhorar nada. Aplica qualquer meio ou idéia como os antepassados aplicavam. Planta e colhe, cria e monta, falta e vive como os avós faziam. Progredir, modificar é atentar contra a memória da ascendência e os designios de Deus (Barroso, 1931, p. 40),

Mas, de forma contraditória, essa mesma sociedade descrita nos moldes coloniais que por isso mesmo guardaria o ser nacional gera incômodo no intelectual, a forma de instrução e de governo da sociedade sertaneja também se tornam um alvo de críticas:

³ Com a queda dos preços do açúcar e algodão no final do século XIX, com a crise política e a queda de grandes potentados rurais, o espaço desses homens se modificava depressa, com a ruína de seu status social, visto a decadência da elite nortista na transição do século. “O senhor de engenho ou o coronel tradicional do sertão parecem perceber que o espaço antes visto como natural, estático e imutável, se move contra eles” (Albuquerque Júnior, 2001, p. 90). Esses homens se tornam sem espaço, sem uma terra.

Porque, depois que o jesuitas foi expulso, ninguém ensinou mais coisa alguma ao sertão. [...] Como não acreditar no profundo atrazo social duma terra, onde os homens mais eminentes firmam publicamente um documento comprobatorio de que o meio, a raça, a administração e a politica, todos de mãos dadas concorrem para o banditismo? [...] (Barroso, 1931, p. 37, 80).

Sobre a capacidade do sertanejo, Barroso destaca que: *“a ignorancia do sertanejo é a mais completa possível. Raros sabem lêr. [...] Fala mal. Pronuncia arrastadamente as palavras [...]. De outras vezes não só corrompem as palavras como deturpam seu sentido”* (Barroso, 1913, p. 183-185) e ainda que:

A sociedade sertaneja não evoluiu. Ha civilizações que chegam a uma culminancia e depois declinam. Outras nada atingem. Esgotadas pelos próprios esforços para subir, [...] degeneram e cáem em marasmo ou anarchia. [...] O estado intellectual do sertanejo é tão primitivo que ele não pode sentir todas as sensações que sentimos. [...]A sua visão meio selvagem somente desenvolve algumas sensibilidades (Barroso, 1931, p. 35, 38).

Ao mesmo tempo em que no conto *Os Noruegueses de Sabiaguaba*, na obra *Alma Sertaneja* (1923), a alma intacta do ancião, herdeiro da casa grande é exaltada, nas outras obras de cunho mais teórico, esse “parar” no tempo gera algumas consequências incômodas. Além dos aspectos sociais apontados, Barroso faz uma severa crítica ao policiamento no sertão. *“As forças estadoaes do nordeste constam de mestiços semi-barbaros do Pagehú, Teixeira e Cariry, cuja duas terças partes são de egressos do crime. Se o policial não veio do cangaço, foi apanhado na escória das povoações”* (Barroso, 1931, p. 82). Ou seja, policiamento, instrução, governo e a noção de justiça são alvos de críticas. A população sertaneja tinha instrução na época dos jesuítas; a polícia sertaneja com integrantes do próprio sertão eram chamados de “mestiços semi-barbaros”; o governo da sociedade sertaneja convergia para atuação do banditismo e ao seu próprio interesse e a justiça era feita com base na moral da morte e vingança e não na lei. Silenciar uma sociedade, descrevendo que ela não cresce e quando cresce retorna ao marasmo ou acaba na anarquia, uma sociedade que não provê seu próprio policiamento, governo ou justiça, é colocá-la como passiva dos ideais e ideias do externo, pois por si mesma não se desenvolve.

O homem alli vive primitivamente como os povos que demoram no mesmo estagio de civilização. [...] O acesso do sertão é difficil. Está longe das cidades e portos de

mar, dos recursos e idéas que lhe poderiam fornecer. Os poderes publicos criminosamente o deixam entregue á miseria aspera do clima, alimentando deficientemente. [...] O poder central nem chega a saber quando a variola dizima um povoado. [...] (o sertanejo está) em contacto diário com as tradições unicas da raça e do meio, revendo o passado em todas as manifestações da vida, enchendo-se de preconceitos doutros tempos, procurando imitar os antepassados e praticar hoje acções compatíveis com o estado social de seculos atraz (Barroso, 1931, p. 26-27 – parênteses da autora).

Em *Heróis e Bandidos*, há acusações em relação ao meio e à miscigenação na formação desse homem sertanejo. Barroso destaca que *“o habitante do sertão está, assim, murado num ambiente onde não ha o menor desenvolvimento, ignorando quase por completo a civilização moderna”*, ou seja, o sertanejo sem civilização, vivendo de tradições e costumes de séculos anteriores, reforça seu animalesco que vem de seus antecedentes. *“Demais, a luta feroz desse homem desprezado pelo poder publico, insulado, contra a natureza armada com todas as armas dá-lhe grande pretensão de superioridade e torna indomavel a altivez do carácter”* (Barroso, 1931, p. 27), e defende que *“só se conhecerão as tendencias do homem do nordeste, remontando a acção dos elementos ethnicos e sociaes que o formaram”* (Barroso, 1931, p. 18).

A construção desse homem passa, principalmente, pela noção de raça na escrita do intelectual cearense. Mesmo aquele que migra do sertão para morar no litoral continuaria carregando a ascendência e “teimosia” da raça que “atrasaria” o desenvolvimento desse homem, ainda mais por estar ligado às superstições (Barroso, 1979). O sertanejo seria o produto da mistura de 3 raças: a negra, a branca e a indígena, segundo o autor, onde cada conduta e moral dessas raças individualmente se rui com a mestiçagem (Barroso, 1931). Em *Terra de Sol* define-os como carregando uma “alma torva dos mestiços.” (Barroso, 1913, p. 66). Ao comentar sobre os curandeiros no sertão, destaca: *“no sertão, cada ribeira, [...] tem o seu curandeiro. [...] E’ quasi sempre negro idoso, sebento, embrutecido, ou um mestiço esquálido, sujo”* (Barroso, 1913, p. 155).

As superstições andam lado a lado com a religiosidade e Barroso faz críticas a elas na maioria das obras selecionadas como fonte, mesmo sendo reconhecido, posteriormente, como grande folclorista e ser próximo do popular. Em *Terra de Sol* ressalta *“não ha povo mais cheio de credices, mais propenso a acreditar em bruxêdos, do que o sertanejo. Crê em toda feitiçaria por mais ignóbeis e estupidas que sejam”* (Barroso, 1913, p. 154) e ainda que *“essas orações são interessantíssimas: umas decorrem das crenças catholicas deturpadas*

pelo povo; outras objectivam-se com um cunho fetichista. [...] Suas orações são de uma ingenuidade pueril" (Barroso, 1913, p. 156-157). Os curandeiros e as lendas, têm como protagonistas pessoas negras e indígenas, ao passo que deturpam a crença católica religiosa pelo *"fetichismo das duas raças inferiores"* (Barroso, 1913, p. 154-155). Já em *Almas de Lama e de Aço* as críticas se fazem mais em detrimento da ordem social e menos em referência ao viver sertanejo. Barroso aponta que *"nessa sociedade rudimentar, retardada, o padre é quasi sempre um centralizador de forças, de ideias, de inclinações"* (Barroso, 1930, p. 32), destacando que o líder religioso assume a posição de líder social pela falta de quem o faça e dá exemplos como Pe. Cícero e Antônio Conselheiro.

O sertanejo é construído a partir do meio que se quer estático e imóvel; quente e resistente; a partir do outro que tem o conhecimento do viver, da ordem e da educação, que vive no século XX e não mais nos tempos coloniais, tal qual viveriam os sertões e; da miscigenação, dos quais esses sertanejos são herdeiros, tanto da ignorância e das superstições quanto da valentia, da coragem e violência. *"Sois toscas e humildes como tudo o que produz a sub-raça ignorante e infeliz do Norte"* (Barroso, 1913, p. 194).

Esse outro que fala sobre os sertanejos e o sertão se faz um de dentro. Gustavo Barroso consegue autoridade pelo pertencimento para se reconhecer e ser reconhecido como um sertanejo, como um proveniente daquela terra e por isso mesmo, ter a autoridade de falar sobre aquela população.

Gustavo Barroso como sujeito

Na análise da escrita do autor cearense Gustavo Barroso, a partir do silenciamento que constrói sobre o homem sertanejo não expando suas vontades, seus desejos, sua individualidade, suas ambições e até mesmo rebaixando seus conhecimentos e crenças, temos o seu oposto: o sujeito intelectual que escreve sobre este homem, ao mesmo tempo em que se reafirma um sertanejo, do Norte e pertencente ao espaço.

A partir de determinadas fixações de relações de poder⁴, utilizando Foucault, há uma submissão do outro às suas normas, sendo possível identificar os sujeitos componentes

⁴ Em relações na qual um pretende dirigir a conduta do outro, há aí as relações de poder, que podem ser móveis e podem apenas acontecer entre sujeitos livres, pois, só podem acontecer essas relações quando há formas de resistência, o que não ocorre caso existam estados de dominação (Foucault, 2004). Barroso, ao longo das obras analisadas, visa empreender soluções para acabar com o banditismo, em especial o cangaço,

nesse campo (Foucault, 1993). Ou seja, a partir dos discursos de relação de poder que envolvem Barroso e sua escrita, há uma norma de quem é sujeito atuante e importante ou não. O sujeito deve ter a capacidade de aprender, de lembrar e de raciocinar. Realizando um exercício do poder, inicialmente o sujeito deve conhecer a si mesmo, ter consciência de dizer, de manifestar, ter consciência de si (Foucault, 2010). Dessa forma, Barroso não demonstra por meio da sua escrita os sertanejos como conscientes de si, pois não lhes dá lugar de fala para expor suas vontades, lhes põe como efeito do meio, da raça e do tempo/espaço. O sertanejo, na escrita, é estático e inflexível. Além disso, Nicolazzi (2010) aponta no seu estudo sobre *Os Sertões*⁵, mas que cabe para observar Barroso, que o outro é subjugado no discurso para fazer legítimo o discurso daquele que narra. Certeau (2010) ressalta ainda que o discurso sobre o outro destaca a soberania daquele que escreve em detrimento daquele que é descrito, pois o que escreve toma forma de saber mais sobre o outro do que ele mesmo.

Foucault, em *A Hermenêutica do Sujeito*, questiona o fato de que se alguém fala a um outro alguém coloca-se a questão do sujeito, pois ao evocar a atividade da palavra se evoca na sentença o sujeito que fala e que faz a ação. Assim, Barroso, que fala ao outro, coloca no seu discurso a noção de sujeito, assumindo esse papel do pronunciar. Na fala é possível observar o sujeito da ação e os elementos que usa para efetuar a ação (Foucault, 2006, p. 55-82).

É possível analisar a construção de Barroso, como sujeito em sua própria escrita sobre o outro. O intelectual usa o pseudônimo de João do Norte que, segundo a historiadora Afonsina Moreira (2006), vem reafirmar seu pertencimento e ligação à terra e ao popular, um homem que não se esquece de onde veio e; em três das cinco obras analisadas (*Heróis e Bandidos*, a partir da segunda edição de 1931; *Alma Sertaneja* e *Almas de Lama e de Aço*) logo abaixo da sua identificação há a apresentação de onde pertence e se legitima: ABL

assim como acabar com o modo de vida sertanejo que vai contra a ordem, a justiça e o progresso que acredita ser o certo para o futuro de uma nação brasileira.

⁵ Entendendo a diferença entre Gustavo Barroso e Euclides da Cunha, considero importante para o entendimento da narrativa trazer estudos sobre intelectuais que escrevem anteriormente sobre o mesmo tema das obras de Barroso. Isso permite observar que a ideia transcrita por Barroso acerca do sertanejo não era algo inédito, mas que perpassava seu tempo e espaço, e assim como os demais intelectuais, é produtor da imagem do Norte e do sertanejo. Reflexões importantes são feitas pelo historiador Fernando Nicolazzi (2010) acerca da obra *Os Sertões*, que cabem também em uma análise mais aprofundada da escrita de Gustavo Barroso sobre o mesmo tema.

(*Academia Brasileira de Letras*). Há uma construção na própria narrativa de um sujeito ativo, um sujeito de fala e posição nas suas relações⁶.

Em *Terra de Sol* podemos ver o nascer desse querer ser pertencente, ser identificado: “*perdida já será a memória deste livro que não é mais do que a narração verídica dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das tradições do Ceará e suas zonas limítrofes, da Terra de Sol; que é – e nem pretende ser mais do que o depoimento de um nortista*” (Barroso, 1913, p. 273). Ou seja, depoimento que por se originar da memória se torna verídico, uma comprovação da realidade que agora, assumindo a posição de intelectual, acaba por ajudar a construir, ao outro de fora, a imagem das dificuldades em ser nortista, dificuldade que enfrentou e carrega na saudade e sentimento por ser cearense.

Com base na tese de doutorado de Afonsina Moreira, Barroso se fazia próximo da cultura popular e essa relação contorna “caracteres de um discurso regionalista, na intenção de homogeneizar em um nome, região Norte (Nordeste), uma diversidade de experiências” (Moreira, 2006, p. 16). Barroso busca uma identidade nacional e o que seria o popular. Relacionada com a construção da memória, havia a incessante fixação de um sujeito que não se esqueceu de suas origens do Norte. “Foi no Norte da saudade que Gustavo Barroso trilhou sua escrita” (Moreira, 2006, p. 17), sua história foi recriada, por si mesmo, em direção a esse Norte e sua escrita reafirma o sentimento identitário entre o João do Norte e a terra. A saudade vem carregada do medo do progresso e do futuro que poderia vir a ser a perda das tradições, dos costumes e até mesmo da hierarquização de raças. Com saudade do sistema sociocultural que se modificava, Barroso se porta como perdido entre o Ceará (sertão) e o Rio de Janeiro (urbano). Nesse contexto é que o autor se coloca como do Norte estando deslocado do Rio, mas seguindo os saberes deterministas de seu novo espaço e tempo (Dantas, 2021).

Para compreender como Gustavo Barroso angaria essa autoridade, Foucault (2008) ressalta que um objeto não preexiste em si mesmo, ou seja, ele não guarda em si a verdade e espera para ser desvendado, mas toma forma por meio de instituições, da política, técnicas, entre outros. Mesmo que essas noções não estejam visíveis no objeto, elas permitem que este se consolide e crie forma, oferecendo à narrativa argumentos e relações

⁶ O ritual que delimita aquele que fala exige do sujeito uma qualificação e posição, além de indicar determinado tipo de enunciado a ser tratado, as circunstâncias e os conjuntos para que um discurso se forme (Foucault, 1996).

que o discurso pode usar para analisar esse objeto. “Essas relações caracterizam [...] o próprio discurso como prática” (Foucault, 2008, p. 51-52). Dessa forma o discurso ganha relevância a partir das instituições que o amparam, tal qual seu autor. O discurso silencia quando escolhe evidenciar determinada visão, assim, a narrativa de Barroso permite que haja questionamento em relação ao porquê da escolha de evidenciar o sertanejo e o cangaceiro em determinada posição, como a construção narrativa do cangaceiro reverbera no sertanejo denominado como “comum”.

Na análise da construção desse discurso, seguindo com Foucault, mesmo que o objeto e a narrativa sejam construídos e legitimados pelas relações de poder e as instituições que os amparam, o próprio discurso em si carrega sua veracidade. A definição da palavra jogo, para o autor remete a um atributo de regras de produção de tal verdade e esses jogos de verdade não são fixos (Foucault, 2004), ou seja, mesmo que Barroso esteja baseado pelas instituições de saber (me baseando sempre nas fontes escolhidas, a obra *Alma Sertaneja* de 1923 é a primeira em que, logo abaixo do nome do autor e de seu pseudônimo, vem a indicação de pertencente à *Academia Brasileira de Letras*) e delas queira fazer parte, seu discurso é verídico para si e àqueles a quem esse discurso alcança. Contudo, com uma narrativa construída na intenção de fazer um testemunho e na afirmação de relatar o real, o historiador Albuquerque Júnior (2011) destaca que a linguagem constrói uma geografia, uma produção de sentido e sua distribuição. A espacialidade é construção dos mais variados discursos e práticas sociais e as linguagens, sejam elas quais forem, além de mostrarem uma realidade, criam-na. O discurso de Barroso vai além de sua intenção, não relata o real relata a realidade de Gustavo Barroso, que ele constrói, ou seja, sua representação do real, em que determinados corpos devem ser evidenciados no sofrimento e na morte, outros na bravura e na coragem. Ainda, constrói a si mesmo como aquele que, tendo voz ativa, consegue a autoridade para propor soluções à uma sociedade que acreditava não conseguir se desenvolver por si mesma.

A historiadora Moreira afirma que, apesar de utilizar das lembranças e vivências, Barroso não se esvazia da posição de erudito, ao contrário, a reafirma. Seu estilo visava “transpassar para o leitor uma proximidade sentimental com as temáticas enfocadas” (Moreira, 2006, p. 176). Minimizava a distância daquele que vivia o fato para aquele que escrevia sobre. O relato, a partir do viver, tinha menção de trazer veracidade e aproximação do popular, pois se baseando na saudade quer demonstrar veracidade à sua escrita. “Na

medida em que Barroso se posicionou como um testemunho tentou garantir um estatuto de verdade aos seus escritos” (Moreira, 2006, p. 97). Na obra *Almas de Lama e de Aço* publicada em 1930, Barroso traz algumas referências de autores, mas na grande parte da narrativa, apenas cita que leu documentos: “*Seria inacreditavel isso, si os documentos coévos não o provassem de modo inilludivel*” (Barroso, 1930, p. 21). Sua posição bem consolidada em 1930 no âmbito político e intelectual permite não referenciar esses documentos, visto que sua legitimidade era respaldada no seu lugar social, nas instituições da qual já fazia parte⁷ e na própria construção de si como um autor, intelectual e erudito reconhecido no meio público, tanto nas editoras, quanto na imprensa.

A defesa dessa realidade criada por Barroso aparece na narrativa por meio de suas memórias de quando foi secretário do Interior e da Justiça do Ceará (1915) e das memórias de autores vindos do século XIX⁸. A afirmativa de testemunho e o pertencimento, tornam o discurso crível. Na obra *Almas de Lama e de Aço*, ao falar sobre jornalistas não sertanejos que dissertam sobre este espaço destaca que “*para elle, o cangaceiro é um facínora, um bandido tôrpe. Assim o faz a mentalidade do littoral*” (Barroso, 1930, p. 91). Para Barroso, o sertão deve ser olhado e relatado por aquele que tem a visão de sertanejo, ou seja, alguém que compreende o espaço, o tempo e a ancestralidade por trás das ações sertanejas que são colocadas como gerais e coletivas, não tendo individualidade entre os seus. Barroso, nas cinco obras destacadas como fonte do estudo, mostra esse conhecimento do espaço físico:

E quando se avistar uma argilla vermêlha ao envez da alva areia dos taboleiros que margeiam a costa e o olhar não mais vir o cajueiro e o cauassú, nem as crêspas moitas viçosas de muricy, guajirú, guabiraba e murta offerecêrem seus fructos ao descaso dos transeuntes; quando o páu-branco se esgalhar entre cerrados de rompe-gibão, troncos altos de catandubas elegantes, e ao olhar se estenderem vastas catingas de juremas rachiticas, ensombrando touceiras de corôa de frade; quando cortarem o terreno largas lages de granito e schistos argilosos, quartzitados, se esbarrondarem nas ribanceiras, por entre lascas de calcáreo endurecido, lenta e silenciosamente se transformando em marmore, – ahi começa o sertão (Barroso, 1913, p. 09).

Do tempo:

⁷ Algumas de suas participações importantes: Chefe de Redação do Jornal do Comércio no Rio de Janeiro em 1914-1919; Secretário do Interior e da Justiça do Ceará no governo de seu primo, Liberato Barroso em 1915; eleito Deputado Federal pelo Ceará em 1915-1918; Diretor do Museu Histórico Nacional a partir de 1922 e; ingresso na ABL em 1923. Lembrando que Gustavo Barroso já era ativo na imprensa no Ceará, antes de se mudar para o Rio de Janeiro (Dantas, 2021).

⁸ BARROSO, Gustavo, 1928, p. 55-57.

No nosso sertão, o século dezessete não transcorreu e olha das pirambeiras e catingas para o século vinte, que, parado á beira mar, se espanta por vê-lo ainda alli. Elle (o sertanejo) vive e pensa como ha dois séculos atraz. [...] E' necessario olhar o sertão e os acontecimentos do sertão com olhos de sertanejo. O interior do Nordeste vive a vida do século XVIII" (Barroso, 1931, p. 35 - 1930, p. 91-92).

E da ancestralidade:

Predominam nessa mistura ethnica o portuguez e o indio. Destes se originaram os curibocas ou mamelucos, vulgarmente chamados de caboclos. Do branco mesclado ao africano, que existiu alli em pequena quantidade, decorreu o mulato. Do negro e do indio veiu o cafuz ou, melhor, o cabra. Agora, vá alguém destecer as mestiçagens complicadas que resultaram, nas gerações subsequentes, do mameluco com o mulato, deste com o cafuz, do mameluco com o cafuz. Das tres raças iniciaes, saíram tres e assim a seguir, havendo de permeio, modificações dos componentes, regressões aos typos iniciaes pela agregação de sangue indio, negro ou branco puros (Barroso, 1931, p. 60-61).

A partir da defesa de pertencimento daquele que tem autoridade para falar de tal espaço, mostrando sua erudição e conhecimento sobre o assunto, Barroso ganha força em seu discurso para criar sua realidade e silenciar ou exaltar, tornar sujeito ou não, as pessoas que referencia⁹. Esse pertencimento aproximava o intelectual do popular e, nessa aproximação, é possível identificar o afastamento entre eles: o destaque no outro de suas superstições e modo de vida, diferente deste que escreve. "Eruditos autores indo ao encontro de populares atores" (Moreira, 2006, p. 153).

Gustavo Barroso em seu discurso, constrói a si mesmo como alguém do Norte, oposto ao sertanejo que narra. Sim, Gustavo Barroso exalta o sertanejo em sua vida colonial e corajosa, mas retira deste a voz ativa do descontentamento ou da ambição, do próprio conhecimento de si. Todas as emoções e atitudes são impulsionadas pelo seu exterior: meio físico, social ou mestiçagem. Por mais que defenda a cultura popular em seus contos (*Praias de Várzeas* e *Alma Sertaneja*), por diversas vezes a questiona, assim construindo seu passado imutável, que posteriormente sofre acusações da falta da civilização. Insere-se, portanto, exatamente em seu tempo e espaço: a modernidade e o progresso.

⁹ Esse estilo de narrativa saudosista e baseado na memória é muito comum no começo do século XX. Gustavo Barroso estava inserido em seu social, não sendo o único com esse estilo e, é justamente por esse social exaltar, nesse momento, escritas saudosistas, que um Gustavo Barroso saudosista e memorialista ganha força. "A construção do Nordeste como lugar de saudade foi uma prática comum entre contemporâneos de Gustavo Barroso" (Moreira, 2006, p. 49).

O historiador Elyinaldo Dantas destaca que, apesar de defender o passado, a história que Barroso escreve é contemporânea, ou seja, se baseia em saberes científicos, faz do passado algo natural e o põe numa narrativa de neutralidade. O intelectual é classificado como moderno antimoderno, um conservador que almejava o famoso progresso, sem tantas mudanças abruptas. “Para Barroso era preciso tomar as rédeas dessa aceleração do tempo que ameaçava destruir antigos territórios de mando” (Dantas, 2021, p. 86). Ou seja, Barroso defende um passado que constrói, a partir de sua narrativa, na defesa do imóvel, do imutável e do conservador, mas realiza essa operação por meio dos atributos da modernidade: sua forma de escrita, suas discussões e sua teoria. Na obra *Heróis e Bandidos*, o intelectual afirma estar “acompanhando as modernas correntes sociológicas e criminalistas” (Barroso, 1931, p. 16), além de dialogar e referenciar 16 estudiosos. “O engenho institucional que autoriza sua concepção de história é o discurso científico moderno” (Dantas, 2021, p. 52).

Mesmo que vá contra a modernidade, “a crítica à modernidade se faz dentro do seu próprio campo, lançando mão de artifícios modernos, como sua linguagem e estética. Sendo assim a modernização pode vir acompanhada de um sentido conservador e elitista” (Dantas, 2021, p. 66). O foco em uma escrita nacional e sua preservação, a partir da criação do *IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)* em 1838, assim como o discurso tradicionalista e regionalista, nasce em um Brasil que recebe cada vez mais a noção de modernidade e progresso nos fins do século XIX e início do século XX.

Estando inserido em seu círculo de sociabilidade, Gustavo Barroso não era o único a construir sua história dessa maneira, mas fazia parte de toda uma rede de intelectuais. A exemplo, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior destaca que os intelectuais voltados ao movimento tradicionalista e regionalista sejam pela literatura, música ou teatro, constroem um Nordeste centrado na memória, contra o moderno, tendo o passado como sua dimensão temporal. Esse estilo corta a criatividade e exala a submissão, negando ao homem ser sujeito histórico, para viver uma história já pronta. Combate totalmente a autonomia e impõe a naturalização do vitimismo e da discriminação. Os sujeitos históricos se fazem efeito de ações discursivas e não-discursivas, sendo necessário que sejam também explicados e não “fonte de toda interpretação verdadeira” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 16). É possível compreender, a exemplo do que analiso como construção do sujeito, que esses se fazem dessa forma por meio do discurso e ações, que vão além do próprio discurso,

não sendo óbvios, mas sim construídos. “Muitos de nossos artistas e intelectuais foram modernistas na forma, mas antimodernos no conteúdo de suas obras. Isso pode parecer contraditório, mas um antimoderno só pode sê-lo nos termos da própria modernidade” (Albuquerque Júnior, 2018).

Nessa questão de modernização e progresso em Gustavo Barroso, na fonte *Heróis e Bandidos*, há a acusação das faltas de estradas de rodagem e ferrovias que seriam grandes causadoras do banditismo na região: “o sertão vive á parte do convívio nacional, pelas grandes distancias a percorrer e falta quasi absoluta de meios de comunicação. As estradas de ferro de penetração são poucas e ainda não completadas. As de rodagem estão em projeto” (Barroso, 1931, p. 29). Já em *Almas de Lama e de Aço*, o intelectual destaca que

[...] a justiça está na mão dos poderosos. A força vence o direito. Não há assistencia de serviços publicos, não há instrucção e não ha prophylaxia. Agricultura e commercio arrastam-se atrasados, acabrunhados pelos impostos excessivos. A politica serve somente para perseguições pessoaes, ajudada pela policia (Barroso, 1930, p. 32).

E ainda:

[...] a energia barbara do homem do sertão nordestino, precisando manifestar-se por injucção da propria força e não achando como, naquelle meio atrasado e pobre, vae naturalmente perder-se no crime [...] As policias lançadas contra o cangaceiros são geralmente peores do que elles [...] E’ necessário e urgente dar trabalho organizado ás populações do interior nordestino, dar-lhes onde, como e em que empregar suas energias. Para isso, sanêe-se o sertão, captem-se as aguas fugidias e irriguem as terras ferazes que a sêcca torna inuteis. O problema é, antes de tudo, talvez de natureza economica. Dê,-se-lhes communicações, transportes, instrucção e justiça (Barroso, 1930, p. 12, 14 e 15).

A modernidade e o progresso em forma de soluções serviriam para melhorar a vida do sertanejo, para tirá-lo daquela situação de sofrimento e livrá-lo do banditismo. Entretanto, questionar as faltas é afirmar sua ausência, é silenciar o modo de vida existente, silenciar a justiça que havia nos sertões nortistas/nordestinos, a polícia, o governo. Contudo, como já comentado, esse estilo de escrita não visava uma maior autonomia social, mas sim seu próprio controle. Segundo o historiador Albuquerque Júnior, é “uma modernização conservadora, uma modernização que pretende não alterar radicalmente as estruturas sociais, as estruturas de poder e os valores e ideias dominantes” (Albuquerque Júnior, 2018).

Gustavo Barroso fala de um Nordeste, de um Norte, de sertanejos para outros que não são os próprios sertanejos, constrói em sua escrita um tempo e um espaço para seus leitores e sua rede de sociabilidade, para as instituições das quais participa, mostrando que aquele que mora lá (Norte) é diferente dos que moram aqui (Sul), pois na construção de sua narrativa, aponta aquele do qual fala (sertanejo) como sendo diferente de “nós”, assim se incluindo onde está no momento de sua escrita: o Rio de Janeiro, centro político, econômico e social nacional. Barroso não é mais um de lá, mas agora um daqui: um sujeito civilizado, intelectual, erudito, político, protagonista, um homem branco mantenedor da ordem e do progresso, que procura dar soluções e buscar fundos como político para fazer com que os sertanejos sejam civilizados e se desenvolvam com base nas suas crenças do bom progresso conservador, visto que não conseguem fazer isso por si mesmos, devido à sua miscigenação, ao clima e à terra inadequada em que vivem. Ele, como intelectual e erudito, pode mostrar o caminho para essas pessoas que não conseguem isso por si mesmas e, mesmo que quisessem, não se desenvolveriam devido as suas origens. A anarquia e desobediência seriam vencidas pelo rigor, pelas leis e pelo domínio com o uso da violência sempre que necessário, pois não havia problema, já que era para a manutenção da ordem e formalização de uma nação. Não há como o sertanejo se aperfeiçoar porque lhe faltam incentivos, já que, sozinhos estão fadados a não conseguirem. Gustavo Barroso consegue se construir como um do Norte, pelo seu discurso de pertencimento, que lhe concede autoridade suficiente para se distinguir dos sertanejos a que se refere na narrativa.

São as credices, as lendas, a moral do homem macho e violento que são exaltados como o tesouro nacional que vive nos sertanejos, característica recorrente entre os intelectuais do início do século XX, como já evidenciado. Essas características, tão elevadas, são provenientes da forma de viver do sertanejo, que, nas cinco obras analisadas como fonte, sofrem questionamentos. Barroso tem em si uma dualidade: o engrandecimento do povo sertanejo, de seus costumes, do seu modo de viver, da força e violência do homem que luta contra a natureza e contra os que questionam sua honra, da sociedade que constrói também a si mesmo, como partícipe e integrante desse meio do qual fala, em contraste aos problemas que aponta no modo de vida do sertanejo: a miscigenação que atrasa o povo, o viver como se estivesse no século passado, as festividades vivenciadas de forma infantil e selvagem - “...toda a estruge enthusiasmada, numa alegria infantil de gente simples e primitiva. [...] Como na idade-média havia justas, no sertão ha vaqueijadas de luxo. [...] A

vaquejada tem um cunho selvagem” (Barroso, 1913, p. 54-57) - a falta de policiamento e de controle social para essa sociedade. Gustavo Barroso é um homem que veio do Norte e tem orgulho de suas origens, o que lhe dá habilidade e posicionamento de veracidade para apontar na região e, em seus habitantes, as faltas no viver. A própria análise do discurso nos mostra a importância da linguagem, ou seja, ao referenciar as lendas como sendo “ignóbeis e estúpidas” (Barroso, 1913, p. 154) e ainda, ao referenciar o modo de vida de séculos passados, é possível a compreensão do seu contrário: aquele que pode classificar o que não é selvagem, assim como a diferença entre os séculos, pois não está mais vivendo no século XVIII e sim na modernidade, que o espaço e o tempo que ocupa lhes permitem vivenciar. Gustavo Barroso é o sertanejo sujeito de sua escrita, enquanto o sertanejo que vive o sertão em si, não.

O sertanejo cangaceiro

Após ter visto a construção do sertanejo e de si mesmo na narrativa, destaco a construção de Barroso do sertanejo cangaceiro. Segundo Foucault, o sujeito não existe em si mesmo, sendo possível sua existência a partir das relações de poder em que se insere, ou é inserido, como já apresentado anteriormente. A construção da narrativa é amparada por relações de poder que permeiam a visão do autor na realização do discurso.

O homem, como um todo, é passado como propenso à melancolia, ao ressentimento e à violência. Esses sentimentos estão no homem e podem ser desencadeados pelo meio, pelo social e pela miscigenação. A ação de matar se torna algo natural e esperada, visto que o cangaceiro é um sertanejo que não controla essas propensões. “*Póde-se dizer que todo o sertanejo é capaz dos crimes de morte, si os exigirem as condições da ocasião*” (Barroso, 1931, p. 93). Essa capacidade de matar é acompanhada pela honra e moral sertaneja que envolve a população, “*matar não é crime hediondo no sertão; é cousa commum. Crime lá é o crime contra a honra e não o crime contra a vida*” (Barroso, 1931, p. 140). Contudo, no decorrer das obras, esse cangaceiro se torna um resistente, não tal qual o sertanejo que resiste a melancolia, ao sofrimento e a seca, mas alguém que resiste ao outro. O cangaceiro não mais apenas sobrevive, mas vive.

O cangaceiro passa da definição de “*verdadeiros dementes, degenerados completos*” (Barroso, 1913, p. 136) em *Terra de Sol*, para um estudo mais aprofundado do meio social, da miscigenação e da ancestralidade em *Heróis e Bandidos*: “*si analysarmos as causas do*

seu viver e os motivos por que agiram, chegaremos á conclusão de que são mais dignos de admiração que de outro qualquer sentimento” (Barroso, 1931, p. 96-97), e ainda em *Almas de Lama e de Aço* o cangaceiro se torna “um symbolo triumphante da revolta popular contra o mal compreendido principio de autoridade” (Barroso, 1930, p. 92), como também “o cangaceiro nordestino é, na maioria dos casos, um simples heróe abortado, ou ás avessas” (Barroso, 1930, p. 11). O intelectual defende que “de mim sei que, na maioria dos casos, prefiro os cangaceiros sem farda aos cangaceiros de farda. Aquelles são muitas vezes almas de aço. Estes raramente não são almas somente de lama” (Barroso, 1930, p. 69).

Barroso muda sua narrativa conforme o tempo da primeira à última obra analisada (1912-1930), o cangaceiro deixa de ser apenas um degenerado que cede à miscigenação e ao meio inóspito para se tornar símbolo da revolta popular e pessoa mais honrada que os detentores da ordem que almejava. Essa sociedade precisava do outro para que mostrasse a civilização, o progresso e a ordem, onde pudessem empregar essa energia que se convertia ao banditismo em ações úteis à sociedade, gerando retorno econômico. O cangaceiro se torna aquele que luta com os meios que tem, contra a falta do Estado, da ordem e da justiça civilizada na narrativa de Barroso, principalmente, em *Almas de Lama e de Aço*.

Em *Terra de Sol* alguns cangaceiros conhecidos são trazidos à narrativa, como Jesuíno Brillhante e Antonio Silvino, mas é em *Heróes e Bandidos* que o cangaço ganha maior visibilidade. Nesta última obra, o intelectual traz 20 pessoas e famílias de cangaceiros para compor a narrativa, dando-lhes nome, características físicas, desejos, ancestralidade, ou seja, constrói uma história para essas pessoas, justificando suas ações, dando-lhes protagonismo. “Mais commumente, porém, chega a ter voz altiva e exercer pressão. Velho costume dos cangaceiros” (Barroso, 1931, p. 77). Esse homem sertanejo que vem a se tornar cangaceiro ganha na narrativa a liberdade de seguir seu caminho e de contrair vingança contra aquele(s) que atentaram contra sua honra ou contra a honra dos seus, ganha a característica de resistir contra injustiças que acredita sofrer, saindo da inércia e do conformismo. É aquele que burla as regras sociais impostas na tentativa de fazer o seu caminho, seja fugindo, perseguindo, matando ou fazendo alianças para se proteger.

O tornar-se cangaceiro não seria uma escolha consciente na maioria dos casos, segundo o intelectual, vindo da pressão da raça, da miscigenação, do meio ou da própria sociedade, mas, a partir do momento em que o sertanejo ingressa em um bando ou assume a vida do cangaço, “[...] o cangaço não é somente na linguagem sertaneja, o armamento do

bandoleiro; é, também, o seu modo de vida nômade, desregrado e sanguinário” (Barroso, 1913, p. 119), vestindo esta realidade ativa. A criação desse homem, sujeito ou não, acontece por meio de uma homogeneização da sociedade, não havendo referências quanto a desacordos entre os populares ou qualquer resquício de individualidade em suas ações. A população, em si, é narrada como propensa à violência, não havendo muitas distinções entre o bandido e a autoridade: *“do criminoso à autoridade e desta àquele a distância é nenhuma”* (Barroso, 1930, p. 78).

A noção de masculinidade é uma construção identitária, segundo o historiador Albuquerque Júnior, permitindo uma homogeneização do que é ser nordestino, pois a violência está atrelada ao que é ser valente, corajoso e destemido. Esse homem nordestino é construído como um produto histórico e não como seu agente, não é participante ativo, é um gênero. *“Homens sem identidade, mas tão fundamentais na criação de uma identidade para o nordestino”* (Albuquerque Júnior, 2013, p. 205), homens não considerados sujeitos e que ajudam a formar um. O ser homem nortista/nordestino é muito evidenciado e há várias formas de se viver esse homem. Contudo, em Gustavo Barroso, esse homem narrado é o da violência, o resistente, aquele que não demonstra emoções porque não as reconhece ou não as têm, que tem em si a força do sol, do calor e da terra, e que não reconhece coisas do cotidiano por sua ignorância visto que *“as faculdades espirituais do sertanejo são incompletas e rudimentares. É a dolorosa verdade”* (Barroso, 1931, p. 40). Há também, nessa narrativa, o homem que assume a violência como parte de sua vida desregrada e criminosa. Este ganha nome, referência e biografia, ganha voz e ação, se torna um sujeito ativo e é defendido e acusado por Barroso ao mesmo tempo, é tido como efeito dos problemas e não causa da desordem, mas que ajuda a promovê-la. É quem assume em si as forças herdadas dos sertanistas que desbravaram a caatinga e o meio áspero, que luta pelos seus ideais e valores, mesmo que para isso tenha que passar sua vontade acima da liberdade do outro, visto que *“no sertão, quem se não vinga está moralmente morto.”* (Barroso, 1931, p. 59). Os cangaceiros são *“Heroes e bandidos, certos de que muita vez são mais bandidos que heróis, porém quasi sempre mais heróis que bandidos”* (Barroso, 1931, p. 97).

O sertanejo é enaltecido enquanto mantenedor de tradições, da moral e cultura brasileira - uma cultura que seria pobre, melancólica, do macho, humilde, católica e com costumes europeus (por meio das trovas e romances medievais) -, mas não o suficiente para serem exaltados como donos de si e responsáveis pelo seu próprio movimento histórico. Os

revoltosos populares que não pregam os valores sertanejos, patriarcais e escravistas de mando do homem, são tidos como ignorantes não sabendo reconhecer mudanças.

O cangaceiro, na análise das obras, se torna além de efeito das causas apontadas como problemas sociais, ambientais e ancestrais, consciente de suas ações, dos problemas sociais e governamentais, onde atuaria para ir contra um sistema decaído. Este sertanejo cangaceiro se despe do flagelo e do sofrimento predestinado para uma vida de liberdade, coragem, violência e vingança. Mesmo que essa mudança de vida seja narrada como algo inconsciente ou forçado pela honra e moral sertaneja - *“Tudo conspirava contra o moço sertanejo: o meio physico e moral, a ascendência, a crueldade e injustiça do inimigo, a honra da família”* (Barroso, 1931, p. 204) -, quando assumem a vida do cangaço ganham espaço de ação. A maioria dos cangaceiros utiliza o escudo da vingança¹⁰ como porta de entrada e assim é narrado por Barroso, como é o caso de Adolfo Meia noite e Antonio Silvino. O primeiro teria entrado na vida do cangaço por querer se vingar de afronta pessoal e o segundo assume o cangaço para vingar a morte do pai (Barroso, 1931). Em *Almas de Lama e de Aço*, Lampião ganha a consciência de ser um revoltoso popular, tal qual seus companheiros e afirma que *“todo cangaceiro começa por ser um revoltoso e acaba sendo bandido”* (Barroso 1930, p. 96).

Deste modo, sujeito para Foucault é aquele que vê e compreende sua realidade, identificando sua verdade: “o efeito deste saber sobre o sujeito está assegurado pelo fato de que nele o sujeito não apenas descobre sua liberdade, mas encontra em sua liberdade um modo de ser, que é o da felicidade e de toda a perfeição de que ele é capaz.” (Foucault, 2006, p. 373). Gustavo Barroso em sua narrativa, em *Almas de Lama e de Aço*, aponta o cangaceiro como sendo consciente de si e tendo uma consciência coletiva, pois assume o lugar de um líder revoltoso em nome de uma população castigada. O cangaceiro em Barroso se torna um exemplo, um arquétipo do que os sertanejos podem se tornar devido à constante invisibilidade em que vivem, seja pelo Estado, pela justiça, pela miscigenação ou pelo espaço inabitável. O cangaceiro de Gustavo Barroso se torna a imagem de um sertanejo ativo e resistente perante o outro, não apenas ao meio.

¹⁰ Frederico Pernambucano de Melo define o movimento do cangaço em 3 modos: Cangaço-meio de vida, Cangaço de vingança e Cangaço de refúgio. **Cangaço de Vingança:** o objetivo final de suas ações tem como foco a vingança, que teve como integrantes Jesuíno Brilhante e Sinhô Pereira, um meio considerado nobre. Não é tão frequente como se imagina, mas forma uma imagem ética que tem grande repercussão na literatura e é usado como escudo ético por grande parte dos bandidos (Mello, 2013, p. 89).

Na obra *Praias e Varzeas*, no conto “O filho de Gurari”, o cangaceiro aparece como aquele que reconhece seus sentimentos e tem em si, a coragem de fazer o que é melhor pelos seus interesses:

Criara-o desde quatro meses de nascido [...] educara-o nos rudes misteres da vida da fazenda e da vida do cangaço. [...] Não era seu filho, infelizmente; no entanto, era o filho do homem que mais odiara e cujo corpo palitara com a ponta da faca. [...] Ah! Ele tomasse cuidado, se um dia o menino soubesse da sua origem e da morte dos pais. Então mata-lo-ia, embora fosse ele o seu pai de criação (Barroso, 1979, p. 55-59).

Sujeito é aquele inscrito nas relações de poder e nos jogos de verdade (Foucault, 2006) e, mesmo que a definição de sujeito não seja simples e coesa, para Foucault as relações de poder formam o sujeito, aquele que está submetido a algo e essas relações, precisam da liberdade de resistência para existir. Barroso constrói-se como sujeito em seu discurso, pois se reconhece como intelectual e civilizado, aquele que tem voz e fala sobre o outro, frente ao sertanejo narrado como dominado, como um ser sem liberdade, sendo silenciado, na narrativa, em sua fala e no conhecimento de si, apontado como aquele que não sabe o processo de se civilizar, precisando da presença do outro em seu espaço para impor regras, justiça e o modo de viver. Neste mesmo discurso, há o cangaceiro com liberdade de resistir. Na relação de poder, o outro, atuante com liberdade de resistência, é o cangaceiro. O outro que recebe a força da relação de poder é o sujeito contínuo da ação, o poder se faz um conjunto de ações frente a ações possíveis, operando a possibilidade dentre os sujeitos ativos. Apesar do sertanejo receber essa força do poder, é construído no papel de dominado no discurso de Barroso. O papel de sujeito ativo liberto, resistente e “desregrado”, na escrita do intelectual, é dado ao sertanejo que adere ao cangaço. O cangaceiro tem em si a liberdade de resistir ao destino, às ordens, à justiça, ao meio, criando um caminho diverso com mortes, violência, defesa da honra e roubos.

O poder é estruturado a partir da ação de um em conduzir o outro, em ordenar as probabilidades de agir do outro, mas para esse poder acontecer e estabelecer relações é preciso a liberdade, visto que as relações de poder ocorrem entre sujeitos livres (Foucault, 1993). Pode-se concluir sobre a relação de poder proposta por Foucault que ela se exerce a autoridade de um sobre a ação e possibilidade do outro. E apenas por meio dessas relações de poder há a existência do sujeito que depende da liberdade para fazer parte dessas

relações. A relação de poder existe a partir de insubmissões e da liberdade que reluta a ela, não podendo existir sem lutas (Foucault, 2006). Na relação de poder entre Barroso e o cangaceiro, há a submissão deste último ao primeiro, visto as diversas formas de soluções postas por Barroso ao cangaceiro, visando sua extinção e sua adequação à ordem que defende. O rotular produz também a marginalização e o silêncio. Isso acontece quando, mesmo que o outro tenha seu lugar de fala, ou lhe é dada a chance de se expressar, sua fala é rotulada e estigmatizada. “Há falas que silenciam, há nomes que provocam a infâmia, há classificações que desclassificam, há presenças que estimulam a ausência, há espaços concedidos que resultam em fechamento de espaços.” (Albuquerque Júnior, 2019, p. 16). Ou seja, O cangaceiro na escrita de Barroso é sujeito ativo em liberdade de resistência e sujeito ao intelectual que o descreve.

Autoridade em silenciar e exaltar

A escrita de Barroso sobre o sertanejo, o sertanejo cangaceiro e, juntamente, sobre si mesmo, revelam a ambição da validação. O sujeito em si não existe, é construído e passa a ser visto quando reconhecido pelo outro. O sertanejo era visto, no final do século XIX e início do XX, quando sofria, morria, migrava, matava, era violento e corajoso. A narrativa de Barroso se encaixa na validação pelo sofrimento e reconhecimento deste, onde as amarguras do sertanejo ganham voz no cangaceiro que almejava justiça, vingança, matar e morrer pelo que defende. As razões usadas para a explicação do cangaço por Barroso, a partir da obra *Heróis e Bandidos*, são carregadas de valores éticos e morais que buscam construir ao outro ao qual fala, a imagem do que verdadeiramente seria o movimento do cangaço e suas razões de existência. É o cangaceiro que chega ao outro com nome, características físicas, emocionais, de lugar, desejos e ambições. Com a ajuda de seu público, o sujeito Gustavo Barroso e o sujeito cangaceiro são validados em seus esforços, seus sofrimentos, sua força para vencer os desafios, suas memórias, suas falas e ações. Ambos passam a ser visualizados como ativos em seus campos.

A exaltação de determinado corpo perante outro tem base no início do movimento regionalista nordestino. O historiador Albuquerque Júnior, ressalta que à região faltava aquele modelo de homem viril, capaz de manter a preponderância da economia e política da região frente ao país. “Por isso, o nordestino vai ser construído como uma figura masculina, o nordestino vai ser definido como o macho por excelência, capaz de uma região que

precisava reagir, região estuprada e penetrada por interesses e valores estranhos” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150). A resistência da masculinidade, da tradição, dos costumes e do macho em si era o querer manter o poder na região Norte, hoje Nordeste, que se findava desde final do século XIX.

Barroso ajuda a construir a imagem do homem sertanejo a partir da autoridade de seu pertencimento, como aquele que precisa do outro de fora para viver (de seus recursos, conhecimento, autoridade e ordem), já que vive em isolamento e vive conforme aquilo que o seu meio físico e social o permitam que almeje, o que, para Barroso, é insuficiente. O sertanejo não tem culpa nem de se tornar bandido, nem de não fazer nada de diferente, pois tudo partiria do seu externo, e como o meio era insuficiente, não havia como esperar nada dessa população.

Na construção do cangaceiro, Barroso, a partir da obra *Heróis e Bandidos*, ressalta que estes homens também são vítimas do meio, que merecem admiração por sair do conformismo que o meio físico e social exercia sobre eles. Contudo, não é bem assim que a imprensa no Sul recebe as notícias do movimento do cangaço. Segundo análise do historiador Albuquerque Júnior, “o cangaceiro vai marcar o Nordeste e o nordestino com o estereótipo da ‘macheza’, da violência, da valentia, ‘do instinto animal’, do assassino em potencial”. O cangaceiro se torna arquétipo do que é ser sertanejo, rotula o homem como bárbaro, primitivo e pronto a se rebelar. “O Nordeste seria a terra do sangue, das arbitrariedades, região da morte gratuita, o reino da bala, do Parabelum e da faca peixeira” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 144).

O corpo exaltado na narrativa é a do cangaceiro valente, corajoso, honrado, que mata e que prefere morrer ao ser contrariado em seus costumes, valores e tradições. A imagem que Barroso ajuda a construir e consolidar é a de macho, do violento, das tradições e costumes provenientes ainda de uma época senhorial que deveria ser mantida, em que cada corpo deveria ocupar o seu lugar e manter a ordem. O cangaceiro construído por Barroso exerce a liberdade, não a liberdade defendida pelos intelectuais urbanos, por meio de leis e ordem, mas a liberdade de viver uma vida não predestinada pelo meio físico e social, exerce a resistência perante o outro e às injustiças que acredita sofrer, exerce respeito pelo medo, pelo mando, pelo terror, pela morte. O cangaceiro é sujeito, pois fala e age, e Barroso coloca nele a consciência de saber o que quer e fazer qualquer coisa para alcançar; mesmo que com opiniões divergentes de agir em prol do coletivo ou de si mesmo,

o que permanece no discurso é que o cangaceiro tem a iniciativa de agir. O cangaço e seus integrantes não são bons ou ruins, heróis ou bandidos, mas carregam sua voz ativa de fazer o que quiserem com suas próprias vidas, seja entrar no cangaço realizar vingança e sair, seja assumir esse estilo de vida que os tira de um destino fadado ao fracasso. Lembro que essa voz ativa não é significativa de fazer o certo, agir na ética e na moral que defendemos, mas é agir.

Dessa forma, o que é exaltado juntamente com o corpo cangaceiro é o sertanejo em si: aquele que sofre, que resiste, que luta, que defende as tradições e o imóvel, mas com o adicional de resistir perante o outro, de lutar pelos seus interesses e não apenas lutar para sobreviver, aquele que mata por orgulho, pois assim se fazia nos tempos antigos e assim era posta a ordem. O cangaceiro vem na narrativa com a força de manter o Norte/Nordeste como grande e central, tal qual foi na colônia e parte do Império, é a imagem de que a região é forte, cria homens fortes e constrói líderes nacionais.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século. *História. Questões e Debates*, Curitiba, v. 18, n.34, p. 89-104, 2001.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Introdução. Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: EDUSC, p. 19-39, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Cortez, v. 2.000, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do "falo": Uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2 ed. São Paulo: Intermeios. 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Elites antimodernas. SAIBA MAIS, [s.l.], 16 dez. de 2018. Disponível em: <https://www.saibamais.jor.br/elitesantimodernas/?fbclid=IwAR2jby8K6TXlwhAnWuEDWWQmlsqykXKjwlpzlI0oixIEEJ2yetDO2KafNs>. Acesso em: 16 jan. 2021.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As Hierarquias do Silêncio: não-ditos significativos no momento de se realizar um estudo de história da historiografia. In: *30º encontro nacional de história*, ANPUH – Brasil. Recife – PE, anais eletrônicos, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1552567638_ARQUIVO_Ashierarquiasdosilencio.pdf. Acesso em: 17 jan. 2024.

ARAÚJO, Valdei Lopes. História da historiografia como analítica da historicidade. História da Historiografia, n. 12, p. 34-44, 2013.

BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol: Natureza e Costumes do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 2ª ed. 1913.

BARROSO, Gustavo. *Alma Sertaneja: Contos Trágicos e Sentimentaes do sertão*. 1 ed. Rio de Janeiro, Benjamin Costallat, 1923.

BARROSO, Gustavo. *Almas de Lama e de Aço: Lampião e Outros Cangaceiros*. Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de S. Paulo. 1ª ed. 1930.

BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos: Os Cangaceiros do Nordeste*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 2ª ed. 1931.

BARROSO, Gustavo. *Praias e Várzeas/Alma Sertaneja*. 3 ed. Rio de Janeiro, J. Olympo, 1979.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DANTAS, Elyaldo G. *Os (In)Desejáveis: Tempo, espaço e identidade na escrita de Gustavo Barroso (1912-1920)*. Tese de Doutorado. UFC/Fortaleza. Programa de Pós-graduação em História Social, 2021.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul., DREYFUS, Hubert. Michel Foucault - *Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo da hermenêutica*. SP/RJ: Forense Universitária, 1ªed., 1993.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Ed. Loyola, São Paulo, 3ª ed. 1996.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade. In: *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (entrevista com H. Becker, R. Fomet-Betancaurt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984) *Concórdia Revista Internacional de Filosofia*. N 6. Julho-dezembro de 1984

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. 7 ed. Forense Universitária: RJ, 2008.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2ª ed. p. 264-298, 2009.

GUIMARÃES, Manoel L. S.. Historiografia e cultura histórica. *Ágora (UNISC)*, v. 11, p. 31- 47. 2005.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos Outros*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1ª ed. 2010.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Manuela Editora Ltda (A Girafa), 2013.

MOREIRA, Afonsina. *No Norte da Saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso*. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo: Coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2006.

NICOLAZZI, Fernando. O tempo do sertão, o sertão no tempo: antigos, modernos, selvagens. Leitura de Os Sertões. *Anos 90* (UFRGS. Impresso), v. 17, p. 261-285, 2010.